

# Não torturem a História

» JAIME PINSKY

É historiador, professor titular da Unicamp, doutor e livre docente da USP, autor e coautor de 30 livros, entre os quais, *Novos combates pela História*

Todos querem deixar seu nome na História. Uns confessam essa pretensão, outros a escondem, mas sempre esperam pelo que chamam de “juízo da História”, como se ela fosse sensível à habilidade retórica. Como todo bem valioso, a História é muito desejada, e todos querem registrar nela sua versão, com a esperança que, até por distração de futuros escribas, essa versão passe como sendo a verdadeira.

Por outro lado, a credibilidade da História faz com que todos tentem se apropriar dela. Ouvimos o tempo todo frases como “a História ensina que...”, ou sua variante mais humilde “temos que aprender com a História” e, ainda, “a História é a mestra da vida”. Na verdade, a maioria das pessoas não quer aprender com a História, mas ensiná-la. Cada um do seu jeito. Alguns ainda se dão antes ao trabalho de estudá-la, outros, nem isso. Veja-se o que acontece com as pessoas que usam o passado, real ou imaginado, para dar lições. E os governantes, então... Chamam suas deturpações de versões, ou narrativas, para passar mais confiança, conferir alguma legitimidade. Mas, geralmente, são deturpações mesmo.

Todo mundo sabe que governantes autoritários torturam a História para ver se ela confessa e declara aquilo que eles querem ouvir. Governos antidemocráticos odeiam a verdade, pois ela revelaria muita coisa que eles não admitem, ao menos publicamente. Atentados contra a cidadania, a ciência, a natureza, a justiça, a educação são perpetrados a toda hora. Ditadores (e candidatos a ditadores) têm esquemas bem montados para alimentar seus seguidores com mentiras.

Governos autoritários se esmeram em camuflá-las e, para isso, contratam especialistas em marketing. Verbas astronômicas, desviadas da saúde (inclusive para a compra de vacinas), da educação, da habitação, do bem-estar dos cidadãos são usadas em propaganda. E veículos sérios da imprensa são punidos com verbos insignificantes, ou nenhuma palavra, por conta de sua independência. Afinal, os cofres oficiais estão nas mãos do governo e agradecer ou punir a mídia depende apenas de sua boa vontade.

É verdade, ser infiel aos fatos não é algo que surgiu agora. Governantes e políticos praticam isso há muitos séculos. Hamurabi, ao codificar as leis de seu império, fez questão de se mostrar justo, generoso, operante, dinâmico, como se estivesse fazendo campanha eleitoral. Ramsés II mandou raspar o nome de faraós anteriores dos monumentos e colocar o seu para ficar com o crédito de obras e conquistas militares. Reis tinham seus próprios “historiadores”, cuja função



era mostrar a grandeza dos soberanos a que serviam. Os nazistas até criaram um campo de concentração “de artistas”, Terezin, para passar a ideia de que tratavam bem os prisioneiros, particularmente os judeus.

Mas nunca se fez isso de forma mais intensa e desavergonhada do que hoje em dia. Governantes se comunicam com os cidadãos pelas redes sociais, bancam a difusão de fake news, politizam questões científicas, distorcem acontecimentos para plantar versões que lhes agradem com a finalidade de favorecer sua ideologia ou seu projeto de poder.

É bom que se diga que ataques à verdade histórica não provêm apenas de governos. Militantes organizados também se acham no direito (e, segundo suas convicções, no dever) de nos impingir sua versão sobre os fatos. Muitas vezes há choque frontal entre o que aconteceu e a “interpretação” que eles dão ao acontecido. Nesses casos, pior para os fatos, que saem perdendo, uma vez que o compromisso do militante — tenha ou não

boas causas — é apenas com sua militância. Interpretações “convenientes” também são ataques contra a História.

Alguns governantes, em vários países do planeta, mesmo tendo sido eleitos democraticamente, colocam-se em posição de negar a Democracia, as eleições, o direito à palavra aos opositores. Há mesmo lugares em que opositores são sumariamente presos, aí, sim, por uma justiça corrupta. Em outros, os governantes estabelecem um esquema paramilitar destinado a calar os que se opõem às suas decisões e ambições. E, uma vez mais, usa-se a História para esconder, distorcer, mentir.

Como se não bastasse, utiliza-se o negacionismo e o anacronismo como ferramentas para “moldar” o passado às necessidades do presente. Pobre História? Não, pobres e infelizes os que acham que ela confessará o que não existiu. Na batalha que está sendo travada contra ela, milhares e milhares de historiadores e cidadãos sérios estão dispostos a cerrar fileiras. A História vencerá.

## Tá no mudo!

» EDUARDO LEÃO DE SOUZA

Diretor Executivo da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica)

“Tá no mudo!” Esta tem sido, seguramente, uma das frases mais ouvidas e/ou faladas nesse último ano. Durante os inúmeros seminários e reuniões virtuais realizados nesses tempos de pandemia, é quase impossível que o já tão familiar alerta “tá no mudo” não seja dito em uníssono quando alguém tenta, sem sucesso, expressar suas ideias e pensamentos.

Sentimento semelhante pode ser percebido num mundo que exige debates cada vez mais amplos e complexos, como no caso do grande desafio do aquecimento global. Nessa agenda de descarbonização da economia, na qual o setor de transportes joga um papel central, percebe-se que, infelizmente, vozes e tecnologias não têm sido ouvidas, ao menos na intensidade necessária.

De fato, verifica-se hoje uma onda avassaladora e global na direção da eletrificação da frota veicular por meio de grandes baterias, com veículos movidos exclusivamente por energia obtida por meio de uma tomada (plug-in). Antes de nos lançarmos nessa corrida, porém, precisamos “furar do mudo” algumas reflexões.

Partindo-se do pressuposto que o objetivo seja a efetiva descarbonização dos transportes, que hoje representa um quarto de todas as emissões de gases de efeito-estufa (GEE), o primeiro debate a ser levantado é sobre os métodos de aferição do impacto ambiental de cada solução. Veículos elétricos 100% a

bateria podem ter um impacto ambiental bastante questionável a depender da fonte de energia elétrica usada, como térmicas a carvão, altamente poluente.

Assim, especialistas no assunto apontam como ineficazes para o combate ao aquecimento global métodos que analisem apenas o veículo (tanque à roda) e indiquem como mais adequadas as que trazem a análise do ciclo de vida (do poço à roda), que mensuram o impacto ambiental em emissão de carbono por quilômetro rodado, ao longo de toda a cadeia produtiva do combustível e do veículo, sua vida útil e o descarte.

Para construir uma estratégia visando efetivos ganhos de eficiência ambiental e energética, é preciso analisar rotas tecnológicas alternativas e estabelecer graus de factibilidade e urgência adequados a essas diferentes realidades regionais. Certamente, haverá uma coexistência de diversas formas de motorização, que serão definidas conforme o poder aquisitivo e padrão de uso do consumidor e a disponibilidade de recursos em cada região.

O carro plug-in certamente terá seu espaço em centros urbanos. Mas será aplicável em escala nacional em países continentais, como a Índia ou o Brasil? Cálculos da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) indicam que, no Brasil, seriam necessários mais de R\$ 1 trilhão para substituir toda a infraestrutura de abastecimento dos postos de gasoli-

na e etanol, para atender os carros elétricos. Além disso, o custo das grandes baterias coloca os modelos plug-in longe do alcance do consumidor médio brasileiro.

Alternativas de baixo carbono apresentam-se para diversificar as opções. A começar pelo veículo híbrido-flex, que gera eletricidade dentro do carro e chega ao padrão de emissão de 25 gramas de CO<sub>2</sub> por km quando abastecido com etanol, uma das mais baixas taxas do mundo. Há, também, estudos com motores elétricos com célula a combustível a partir do etanol, que alcançam rendimento de até 30 km por litro, com emissões próximas de zero.

Para fins de comparação, um veículo abastecido com gasolina pura emite em média 155 g CO<sub>2</sub>/km e o elétrico plug-in europeu fica na casa de 54 g CO<sub>2</sub>/km, mais poluente portanto, do que a solução do carro flex, já adotada aqui há quase duas décadas que, com etanol, emite 34 g CO<sub>2</sub>/km. Isso porque o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar proporciona uma redução de até 90% na emissão de GEE quando comparado à gasolina.

O mundo hoje clama por opções que permitirão “achatar a curva das emissões” e evitar o iminente colapso causado pelo aquecimento global. O etanol tem muito a contribuir nesse processo da mobilidade sustentável que, ao longo desse século, deverá ter múltiplas formas e soluções tecnológicas. Hora de ligar os microfones!

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.df@dabr.com.br](mailto:circecunha.df@dabr.com.br)

## As ruas espelham a economia

Para uma esquerda que se acreditava morta e enterrada, desde a deposição da ex-presidente Dilma e da prisão do também ex-presidente Lula, as seguidas trapalhadas políticas cometidas por próceres dessa nova direita, sobremaneira os desatinos ciclotímicos do atual chefe do Executivo, ao minar a credibilidade do atual governo, vão emprestando combustível para o soerguimento do que parecia impossível: a volta do lulopetismo e da sua trupe ao poder e de tudo o que isso possa significar para o país. Para aqueles que observam a cena de perto, essa é uma possibilidade mais remota do que um retorno das esquerdas ao Palácio do Planalto.

Do mesmo modo que foi possível a Bolsonaro surfar na onda do antipetismo e se eleger presidente, para a surpresa de muitos, Lula e seus seguidores estão sendo claramente favorecidos pelos desacertos do atual governo e podem vir também a aproveitar a mesma onda. A diferença, dessa vez, é que essa onda ou maremoto pode ser formada por centenas de milhares de mortos pela covid-19. Como tragédias e dramas políticos parecem ser o nosso forte, assim como de todo o nosso continente, o pano de fundo é sempre formado pelas populações que amargam os desacertos, sejam de governos da direita, sejam de esquerda.

Nesse caso, pouco importa o matiz ideológico de quem venha a comandar o país. É a população que é chamada a pagar a conta dos seguidos estragos operados na economia. Da herança deixada por Lula e Dilma, depois de mais de uma década no poder, e que, por baixo, estimava-se em 12 milhões de desempregados em 2014, hoje foram acrescidos mais 2,3 milhões de brasileiros. O Brasil vai se aproximando rapidamente dos 15 milhões de desempregados. Trata-se do maior contingente nessas condições desde 2012.

Com a pandemia, que vai se prolongando sine die, esses números, segundo alguns economistas, será ainda maior, o que poderá gerar problemas econômicos e sociais que se estenderão ainda por pelo menos uma década. Graças a informalidade e a outros tipos de ocupações paralelas e emergenciais, muitas famílias brasileiras têm conseguido, dia a dia, se livrar da pobreza extrema. Não é necessário ir aos números mostrados pelo IBGE e outros órgãos de pesquisa para entender o problema do desemprego e do subemprego. Uma volta pelo centro de Brasília dá uma mostra dos resultados de uma economia que encolhe diante de nossos olhos. São mendigos, pedintes, malabaristas, camelôs e outros brasileiros lotando as ruas da capital, em busca de algum trocado, algum auxílio, emprego ou alimento.

### » A frase que foi pronunciada

“Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política, simplesmente, serão governados por aqueles que gostam.”

Platão

### ATL

» Luta incessante para a permanência da Academia Taguatinguense de Letras. Recebemos a notícia que o GDF está querendo ocupar a sede para a Gerência de Cultura da Administração Regional. Há tradição que precisa ser respeitada.

### Notícia boa

» Até agora, foram 11.074.483 casos de pessoas que tiveram covid-19 e escaparam com vida.

### Botânico

» Aline De Pieri é uma entusiasta pelo Jardim Botânico de Brasília. Projetos de revitalização da área, a volta da arte entre a natureza, loja de souvenirs e as portas abertas para estudos científicos são os passos dados. A diretora do Jardim Botânico quer que as pessoas percebam que ali não se trata de apenas um parque dentro da cidade, mas de um local onde a arte e a ciência convivem em harmonia.

### De olho

» Qualquer analista sabe muito bem que, se as Leis Anticorrupção fossem aplicadas conforme o desenho desejado pelos cidadãos, praticamente

todos os partidos políticos seriam varridos do cenário nacional. O que poucos sabem é que a corrupção, que, à primeira vista, parece favorecer alguns grupos políticos, é, na verdade uma ferrugem poderosa que irá corroer as bases nas quais se assenta, levando-os à derrocada, cedo ou tarde, de forma irreversível, transformando-os em zumbis a vagar pelos corredores do poder.

### Público

» No dia 8 de abril, às 4 da tarde, pelo Youtube, a população da capital poderá acompanhar a 6ª edição do Café com Governança e Compliance. O foco da discussão será a transparência da gestão pública com o objetivo de fortalecer as políticas de compliance. A transmissão será ao vivo pela TV CGDF. Já confirmada a presença do advogado Daniel Lança e de Rejane Vaz de Abreu, subcontroladora de Transparência e Controle Social da Controladoria-Geral do Distrito Federal (CGDF). O controlador-geral do Distrito Federal, Paulo Martins, fará a abertura do encontro, que será conduzido pela subcontroladora de Governança e Compliance, Joyce de Oliveira.

### » História de Brasília

Se há um homem em imprensa que sempre agiu com o máximo de lisura, respeito e ética profissional tem sido Wilson Aguiar. À frente do *O Cruzeiro Internacional*, na *crônica parlamentar*, na *secretaria de imprensa do Brasil em Washington*, ou no *O Povo*, do Ceará. Sempre um profissional equilibrado e honesto, sendo injusta, a adjetivação dos nossos confrades. (Publicada em 28/01/1962)